

CÉU

TECIDO

VENTO

fabio miguez

galeria

nara roesler

horizonte deserto
tecido cimento

fabio miguez

horizonte deserto tecido cimento
tiago mesquita

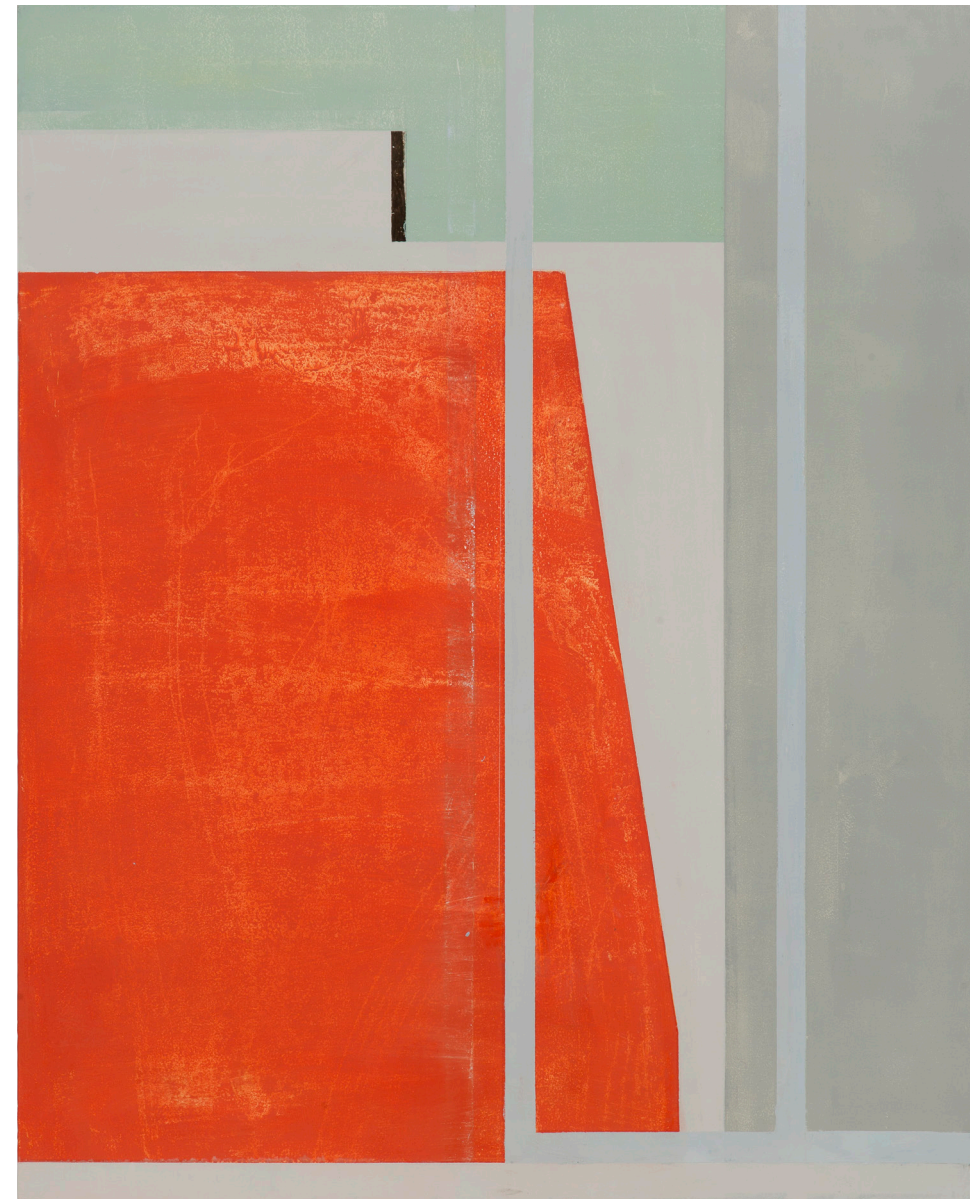
*Grandes são os desertos, e tudo é deserto.
Não são algumas toneladas de pedras ou tijolos ao alto
Que disfarçam o solo, o tal solo que é tudo.
Fernando Pessoa*

As pinturas de Fabio Miguez aqui expostas são feitas a partir dos mesmos princípios. Podem ser pensadas como uma série, inclusive. São superfícies opacas, quebradiças, com um colorido ralo, quase translúcido. As formas são simples, repetem-se. O que varia são suas combinações. Em diferentes contextos, elas mudam de papel. É comum vermos nos quadros as mesmas combinações de forma, na mesma ordem, com cores ou tamanhos distintos. Por fim, muitas dessas telas são acompanhadas de legendas: palavras soltas, que quando justapostas as imagens, sugerem

conotações simbólicas.

Assim, por mais abstratos e simples que sejam os elementos da pintura, eles descrevem algo reconhecível. Pode ser um lugar, uma atmosfera, uma lembrança apagada. São descrições simples, como uma lista de substantivos. A riqueza está na variedade de relações que elas podem criar. São fragmentos de lugares, pinturas, versos que nos sugerem ser ainda outra coisa.

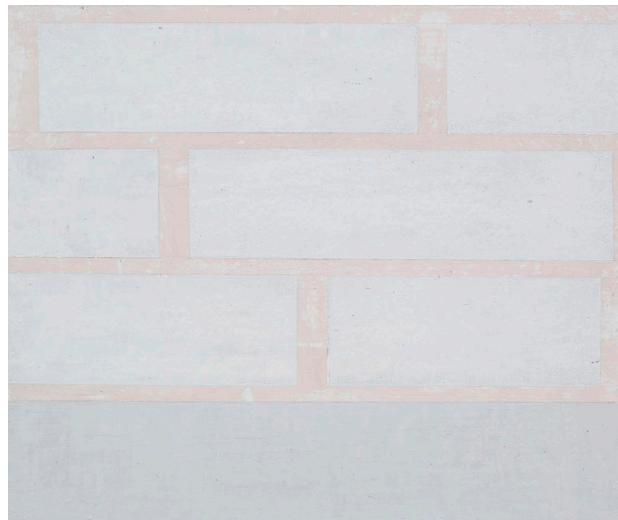
Em um quadro pequeno, Miguez justapõe um trapézio azul sobre um retângulo esbranquiçado à direita de



pátio vermelho, 2014 -- óleo e cera sobre linho/oil and wax on linen -- 100 x 80 cm



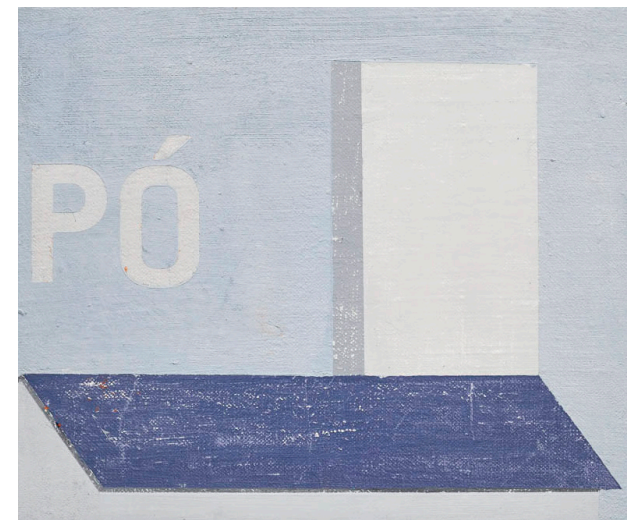
longe, 2014 -- óleo e cera sobre tela/oil and wax on canvas -- 190 x 140 cm



agnes, da série shortcuts, 2013 --
óleo e cera sobre tela/oil and wax on canvas -- 33 x 40 cm



praça, da série shortcuts, 2013 --
óleo e cera sobre tela/oil and wax on canvas -- 33 x 40 cm



pó, 2013 -- óleo e cera sobre tela/oil and wax on canvas -- 33 x 40 cm



cal dia, da série shortcuts, 2013 --
óleo e cera sobre tela/oil and wax on canvas -- 33 x 40 cm

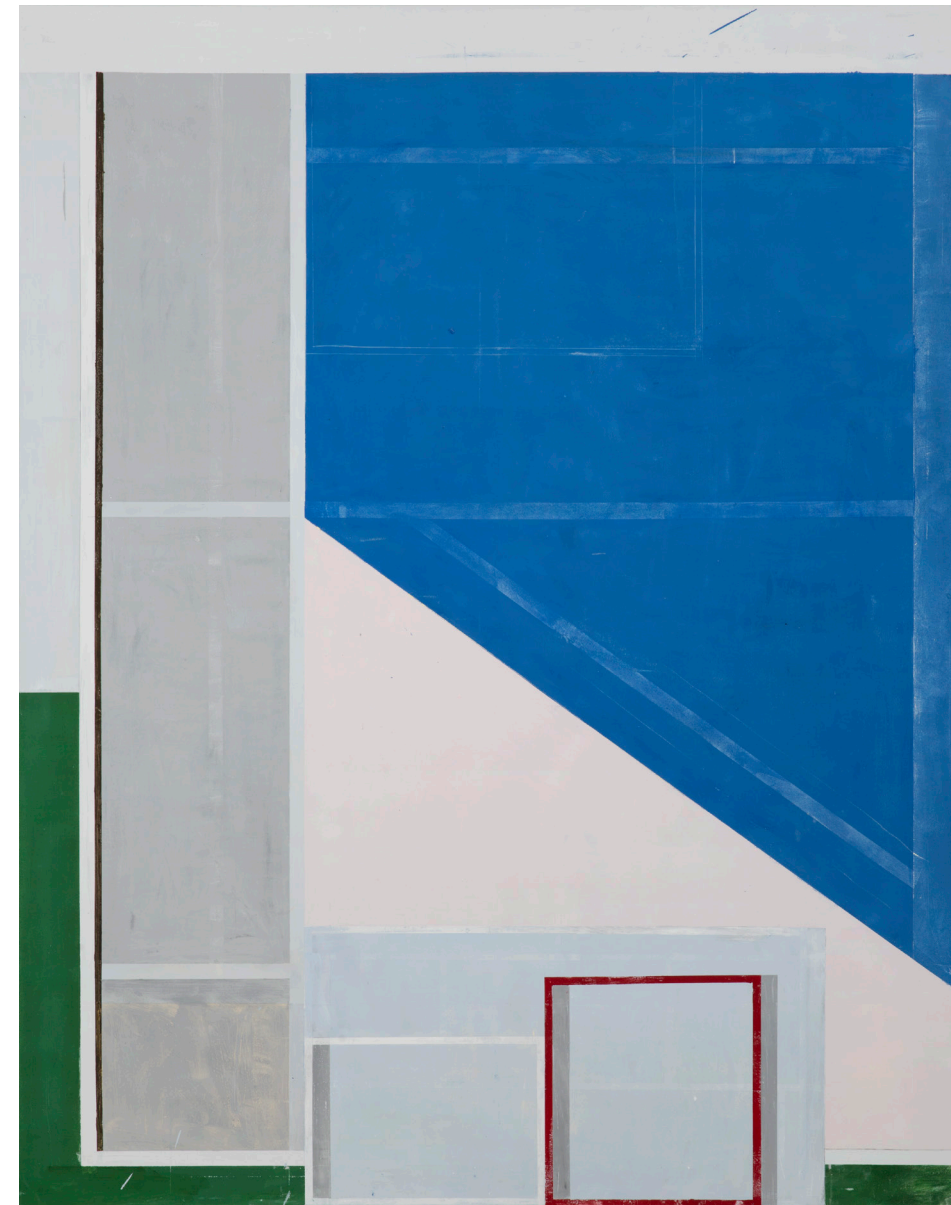
um pentágono avermelhado. Diante de um fundo de duas faixas claras, as formas, na base da tela, parecem uma dupla de fachadas modestas. Perto delas, lemos os dizeres CAL e DIA. Cal vem embaixo, sobre a parede vermelha e dia, em cima, sobre o azulado do céu. Assim, tudo aquilo que nos parece sólido, quando apresentado como cal, torna-se mais volátil, frágil. O termo dia, que descreve tanto a claridade da luz como a passagem do tempo, acaba por se tornar mais resistente do que qualquer construção. O tempo é a constante, não os elementos que passam por ele.

De resto, nada fica de pé.

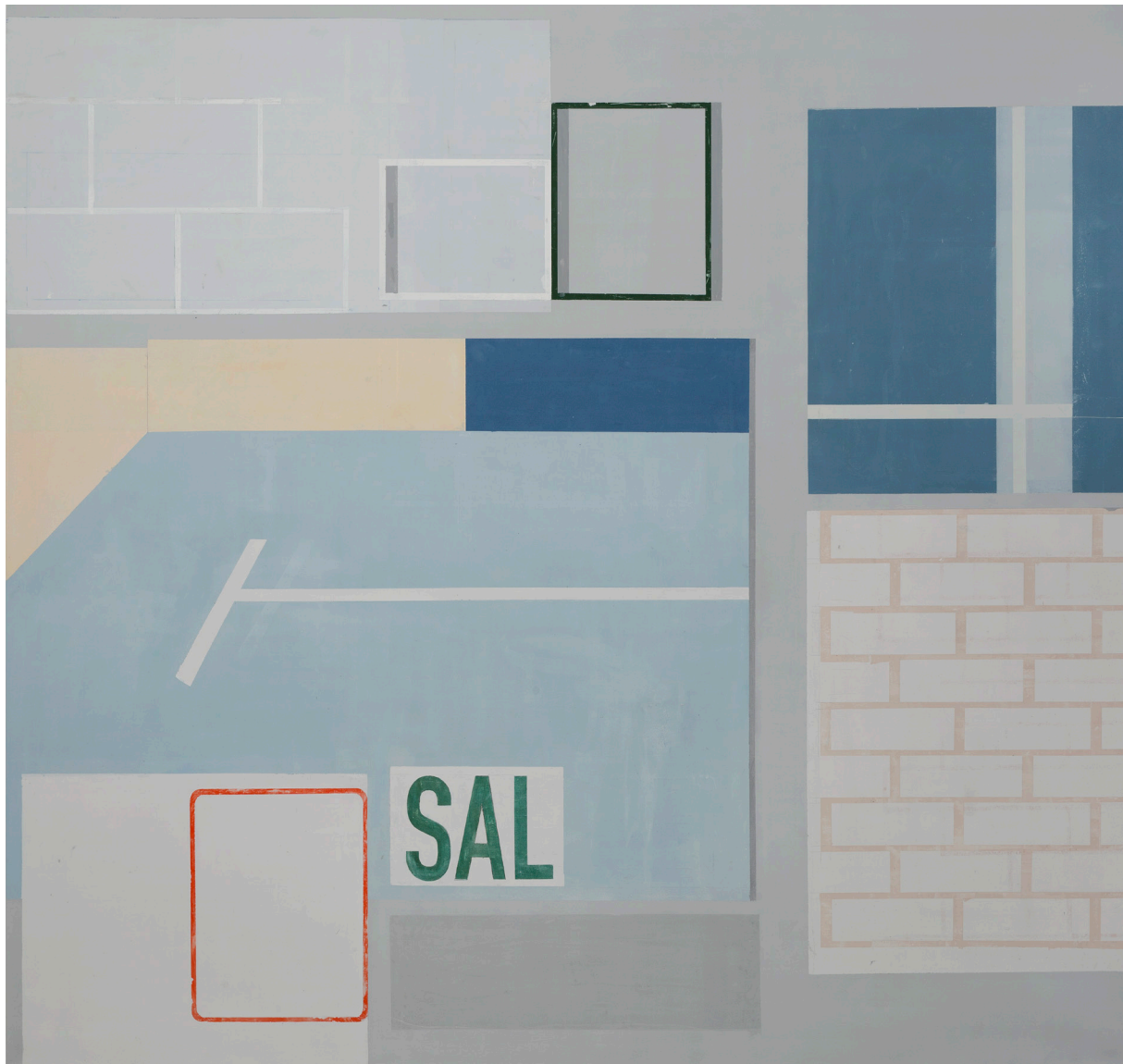
No entanto, o que há de mais frágil não são as casinhas, mas a descrição que a pintura faz delas. Sua forma é delicada, compostas de plano chapados. Aquilo quase não é uma figura. São elementos soltos que descrevem um lugar a partir de aspectos genéricos e arbitrários.

É como alguém que, ao te contar de um dia feliz, enumera algumas lembranças dispersas: o clima estava quente, o céu era azul, estava deitado diante de uma parede inclinada. Alguma experiência desse sujeito é contada, mas o que chega a nós são os resíduos: fragmentos soltos com pouca relação entre eles. Não temos uma dimensão íntegra do espaço recriado. Ele parece sem amarração. Como se estivesse a se dissipar e dar lugar ao deserto.

Não é por acaso que Miguez, para compor essas imagens, se valha de figuras e temas retirados das pinturas de Piero della Francesca e Henri Matisse. Da mesma forma que toma emprestadas palavras dos textos de João Cabral de Melo e Samuel Beckett. O artista elenca um repertório de fragmentos apropriados ou inventados que são sintéticos, diretos. Eles nos sugerem essa beleza que tem algo de vaga, algo de uma memória que se esvai rapidamente. É um telhado, que será um trapézio, uma diagonal, um cinza, um horizonte de partida.



cinza, 2014 -- óleo e cera sobre linho/oil and wax on linen -- 190 x 140 cm



sal, 2014 -- óleo e cera sobre linho/oil and wax on linen -- 190 x 240 cm



horizonte partida, 2014 -- óleo e cera sobre linho/oil and wax on linen -- 190 x 180 cm



sem título, 2013 -- óleo e cera sobre tela/oil and wax on canvas -- 60 x 50 cm

horizon desert fabric cement

tiago mesquita

Fabio Miguez's paintings shown here are built upon the same principles. They can be thought of as a series, for that matter. They are matte surfaces in shallow, near-translucent colors. The shapes are simple, they repeat themselves. What varies is their combinations. When in different contexts, they change roles. In different pictures, one often sees the same combinations of shapes, in the same order, in different colors or sizes. Finally, many of these pictures come with subtitles: loose words that, when juxtaposed onto the images, suggest symbolical connotations.

Thus, abstract and simple though the painting's elements may be, they still describe something recognizable. It could be a place, a vibe, a blurry recollection. The descriptions are simple, like a list of

Great are the deserts, and all is desert.

A few tons of rock with bricks on top

Won't disguise the ground, the very ground that is everything.

Fernando Pessoa

nouns. The wealth lies in the myriad relationships they can create. They are fragments of places, of paintings, of verses that hint at being something else altogether.

In one small picture, Miguez juxtaposes a blue trapezoid onto a whitish rectangle, to the right of a red-toned pentagon. Pitted against a background of two light-toned stripes, the shapes lie at the bottom of the canvas, resembling a pair of modest facades. Near them are the sayings CAL (Portuguese for builders' lime) and DIA (day). Cal sits below, over the red wall, and dia is on top, over the blue of the sky. Thus, all that seems solid, upon being presented as lime, becomes more volatile and fragile. The word day, which describes both the clarity of light and the passing of time, ultimately becomes more resistant than any

building. Time is the constant, not the elements that pass by it. Aside from it, nothing stands.

The most fragile element, however, is not the little houses, but the description the painting gives of them. Their shapes are delicate and flat. They are barely figures. They are free-floating elements describing a place through generic, arbitrary aspects.

It's like someone who, upon telling you about a happy day, enumerates a few scattered recollections: the weather was hot, the sky was blue, I was lying down before a slanted wall. Some of this subject's experience is being told, yet what we get is residues: loose fragments with little to no connection between them. The full dimension of the recreated space doesn't get conveyed to us. It doesn't seem tied up.

As though it were dissipating and giving way to the desert. Not by chance, on composing these images, Miguez employs pictures and themes taken from the paintings of Piero della Francesca and Henri Matisse. Likewise, he borrows words from the writings of João Cabral de Melo and Samuel Beckett. The artist lists a repertoire of appropriated or made-up fragments that are synthetic, direct. They hint at this beauty that is somewhat vague, something of a memory that wanes quickly. It's a roof, that will be a trapezoid, a diagonal, grey, a horizon of departure.



cinza, 2014 -- óleo e cera sobre linho/oil and wax on linen -- 190 x 140 cm

fabio miguez

horizonte deserto
tecido cimento

texto/text

tiago mesquita

tradutor/english version

gabriel blum

revisão/proofreading

gabriel blum

realização/produced by

galeria nara roesler

galeria nara roesler
são paulo

av europa 655

jardim europa

abertura/opening

28.02.2015

11 > 15h

exposição/exhibition

02.03 > 28.03.2015

seg/mon > sex/fri 10 > 19h

sáb/sat 11 > 15h



(capa/cover) **céu tecido vento**, 2014 -- óleo e
cera sobre tela/oil and wax on canvas --
230 x 170 cm

galeria

nara roesler

são paulo

rio de janeiro

info@nararoesler.com.br

www.nararoesler.com.br